



# Terra da Liberdade e a construção do protocolo da consulta: a comunicação política quilombola na transformação do mundo

*Terra da Liberdade and the construction of the consultation protocol: quilombola political communication in the transformation of the world*

## FÁBIO FONSECA DE CASTRO

UFPA

Professor associado da Universidade Federal do Pará. Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea, UFPA), no Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordena o Grupo de Pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas (SISA) no CNPq.

## MARINA RAMOS NEVES DE CASTRO

UFPA

Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA e do PPGCOM-UFPA. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA da Universidade Federal do Pará. Realizou estágio doutoral no Departamento de Antropologia do University College London, com o Prof. Daniel Miller a partir do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - com apoio da CAPES.

## RESUMO

O objetivo do artigo é compreender como as metamorfoses econômicas e sociais vivenciadas e experienciadas nas comunidades quilombolas do território Terra da Liberdade, situadas no Baixo Tocantins, estado do Pará, produzem dizeres e linguagem, e, assim, formas de uma comunicação de resistência. Parte-se da reflexão de Heidegger (2001) sobre a relação entre existência e lugar para compreender o processo de construção dialogada do Protocolo de Consultas do território. A metodologia utilizada foi a observação participante com entrevistas abertas e semiestruturadas, num diálogo entre etnografia e fenomenologia. Observamos que o direito de "se dizer" é um conjunto de lutas comunicacionais. Compreendendo comunicação como dizer coletivo e social, o artigo reflete sobre lutas por reconhecimento da identidade, dos direitos, do território.

**Palavras chaves:** Quilombolas; Dasein; Protocolo de Consulta

## ABSTRACT

The objective of the article is to understand how the economic and social metamorphoses experienced in the quilombola communities of the Terra da Liberdade territory, located in Baixo Tocantins, state of Pará, produce sayings and language, and, thus, forms of resistance communication. It starts with Heidegger's (2001) reflection on the relationship between existence and place to understand the process of dialogic construction of the Territory Consultation Protocol. The methodology used was participant observation with open and semi-structured interviews, in a dialogue between ethnography and phenomenology. We observe that the right to "say oneself" is a set of communication struggles. Understanding communication as a collective and social saying, the article reflects on struggles for recognition of identity, rights, territory.

**Keywords:** Quilombolas; Dasein; Consultation Protocol

## 1. INTRODUÇÃO

Queremos falar de um lugar e de como esse lugar se comunica, tanto com mundo da vida do *outro*, como consigo mesmo. Queremos falar sobre as metamorfoses vivenciadas e experienciadas nele – a maioria delas, dolorosas e que sugerem o desaparecimento e a morte. Mas, queremos, igualmente, compreender as formas como os dizeres desse lugar ocorrem e como produzem suas metamorfoses. Começamos apresentando o lugar e as metamorfoses referidas. Prosseguiremos apresentando seus dizeres para, mais tarde, falar de comunicação, ou melhor, de uma forma de comunicação.

A nosso lado temos um rio, que demarca a centralidade desse lugar que agora pesquisamos. Um grande rio, que toma diversas formas de lugar – uma delas a que nos interessa aqui. Em torno dele há dezenas de outros rios, estradas, cidades e povoados. Há centenas de pequenas comunidades, terras produtivas, florestas primárias e secundárias, capoeiras e capoeirões, plantações e criatórios. Há, ainda, fábricas, indústrias e usinas hidroelétricas destinadas a fazê-las funcionar. Esse território se reconhece e é reconhecido como um espaço histórico da Amazônia e tem 400 anos de ocupação. É o Baixo Tocantins, o espaço desse rio que segue das fronteiras do município de Tucuruí até a sua foz, na região metropolitana de Belém.

Sendo um dos espaços mais tradicionais da ocupação europeia do vale amazônico, constitui, também, um lugar de encontro entre saberes europeus, tradicionais amazônicos, de populações indígenas e de populações africanas escravizadas, num processo que o torna rico de uma diversidade socioambiental e socioeconômica e, de certa maneira, paradigma para uma ocupação territorial ambientalmente equilibrada, já que os paradigmas tecnológicos utilizados na reprodução social de boa parte da população local resta comprometido com os ciclos do extrativismo e da intensificação equilibrada dos modos de produção tradicional – e, assim, em alguma medida, com a preservação ambiental. Não obstante, o Baixo Tocantins também é um espaço profundamente impactado por projetos minerais, agropecuários e industriais e com forte intervenção do estado brasileiro, a começar pela construção da usina hidroelétrica de Tucuruí, inaugurada em 1984, que represou o rio Tocantins, afetando a navegação, o comércio tradicional, destruindo parte importante da sua biota aquática e impactando exponencialmente nas culturas socioambientais locais, ribeirinhas, quilombolas e indígenas.

A relação entre essas mudanças e as possíveis continuidades da experiência socioambiental do Baixo Tocantins serão tratadas, mais à frente, na sua dinâmica de metamorfose do espaço vivido. Antes, porém, além de território, queremos falar sobre o lugar. Dentro do Baixo Tocantins há diferentes lugares, e por isso nos concentramos em um deles: o território quilombola Terra da Liberdade (doravante TQTL), no qual realizamos pesquisa etnográfica, com um projeto que

pretende compreender, sobretudo, as práticas comunicacionais ali presentes – entendendo a comunicação tanto na sua dimensão midiática, como informacional, cultural e interpessoal – e, portanto, desejando fazer uma antropologia da comunicação.

Embora nossa pesquisa envolva diversas comunidades do Baixo Tocantins, dedicamos 15 dias, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023 a acompanhar a vida cotidiana das comunidades do TQTL e, particularmente – embora não exclusivamente – dentro dela, da comunidade de Itapocu. Nessa oportunidade, acompanhamos os debates locais em torno da construção do Protocolo de Consultas (doravante PC) do TQTL, um processo fundamentalmente comunicacional, de deliberação a respeito da maneira como a comunidade espera ser consultada sobre quaisquer ações de agentes internos dentro do seu território.

O TQTL reúne oito comunidades quilombolas – Itapocu, Tomázia, Itabatinga Médio, Frade, Mola, Laguinho, Taxizal e Bonfim – onde vivem cerca de 1.270 pessoas, de acordo com o Presidente da Associação Quilombola Terra da Liberdade. A economia local é tradicional e está centrada no cultivo da mandioca e na produção de farinha, atividade essa que é complementada com grande diversidade de ações produtivas – cultivos ou extrativismo – notadamente do açaí, do cupuaçu e do bacuri, dentre outras frutas regionais sazonais. A renda local é profundamente centrada na produção de farinha, atividade de subsistência e também o principal produto comercializado, com forte aporte das rendas sociais federais e do sistema nacional de aposentadoria.

Levando em conta as contingências macrosociais e econômicas do Baixo Tocantins, vamos nos concentrar sobre as transformações e resistências vivenciadas na Terra da Liberdade. Nossa perspectiva é, a partir da etnografia em curso, refletir sobre as experiências comunicacionais experimentadas pelos habitantes do território. Subsidiaremos essa discussão com apoio do pensamento de Martin Heidegger a respeito das noções de espaço, território, mundo e habitar e de comunicação.

A base de nossa reflexão se centra da compreensão de que, para Heidegger, o que media a relação entre o homem e o espaço é o dizer (*Rede*), que também pode ser compreendido como linguagem e como comunicação.

Após esta Introdução, num segundo tópico, buscamos descrever as metamorfoses experimentadas pelo território. Num tópico seguinte, discutimos o conceito heideggeriano de *dizer*, aplicando-o sobre a questão proposta e concluímos o artigo refletindo sobre as formas sociais da comunicação no território da Terra da Liberdade.

## 2. MUDANÇAS, TRANSFORMAÇÕES, METAMORFOSES

O Baixo Tocantins foi profundamente impactado pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, obra de significado político expressivo para o regime militar brasileiro, iniciada em 1975, com o processo de escavação do canal do desvio do rio Tocantins, e inaugurada em novembro de 1984. Sua função era gerar energia para o Projeto Grande Carajás, centrado na exploração de minérios – manganês, cobre, ouro, paládio, platina e níquel - no estado do Pará.

Desde seus primórdios o projeto foi marcado pela ausência de análises de impactos ambientais sérias – a ponto de o próprio Banco Mundial, que tinha interesses na ampliação da oferta de minério de ferro a ser produzido em Carajás, se recusou a financiá-la. Ainda que os estudos e impactos e os processos de licenciamento somente tenham sido estabelecidos em 1986<sup>[1]</sup>, após a inauguração, foi notório o descompromisso do regime militar com as dimensões sociais e ambientais do projeto. Podemos relacionar alguns elementos que atestam esse descompromisso: além da ausência de estudo prévio sobre os impactos do represamento do rio e da formação do lago da barragem, eles também não foram feitos em relação à construção de estradas de acesso, a instalação de linhas de transmissão de energia, a remoção de comunidades ribeirinhas e nem, tampouco, de perdas de recursos naturais e minerais sob a área alagada.

Além disso, Bentes et al. (2014) e Barros et al. (2020) observam o impacto sociocultural da depleção dos estoques pesqueiros sobre o modo de vida da população do Baixo Tocantins.

Em relação aos impactos sociais e culturais decorrentes dessa obra, deve ser notado que muitas famílias ribeirinhas, que habitavam há séculos na área, foram deslocadas compulsoriamente, sem qualquer possibilidade de negociação e com indenização precária ou inexistente. Magalhães (2007; 1986) discute vários resultantes desse processo: alteração demográfica, ruptura do cotidiano e das cadeias produtivas da população afetada, intensificação do tráfego, alteração nos quadros de saúde pública, perda de terras e de benfeitorias etc. Magalhães (Magalhães, 2017; 2007) e Mercês et al. (2019a; 2019b) discutem os impactos culturais e afetivos causados pelo trauma do deslocamento compulsório.

Por fim, é preciso considerar problemáticas econômicas resultantes da barragem de Tucuruí: com a ausência de um sistema de eclusas, o tradicional comércio do curso do Tocantins foi interrompido, interrompendo não apenas as redes de troca locais como também impedindo um potencial comércio fluvial de exportação de cerca de 20 milhões de toneladas/ano em minérios ou produtos do agronegócio.

Essas metamorfoses transformaram profundamente o Baixo Tocantins desde o início da construção da barragem, em 1974. Claro, outros projetos do governo militar brasileiro ou de empresas privadas, impactaram-no igualmente, e, efetivamente, continuam impactando. É o

caso, por exemplo, da empresa norueguesa Hydro, de beneficiamento de bauxita e alumina, responsável pelo vazamento de rejeitos do primeiro desses minérios sobre treze comunidades tradicionais do município de Barcarena, foz do rio Tocantins, em 2018 e da empresa multinacional Cargill, que está construindo um porto para navios de grande calado para comercialização de soja, numa área contígua à uma reserva extrativista, no município de Abaetetuba, que irá impactar sobre a atividade produtiva de mais de 10 mil indivíduos.

Todas essas questões, e outras ainda, estão presentes no cotidiano das populações que vivem no Baixo Tocantins, mas destacamos os impactos da UHE de Tucuruí em função de seu impacto simbólico sobre o imaginário das comunidades etnografadas, pois, para nossos interlocutores, “tudo começou com Tucuruí” (Luís, 04/02/2023) – o que nos permite considerá-lo, com apoio de ANONIMIZADO (2011) como um *evento fundador*, um evento maior com impacto intersubjetivo e que serve como ponto de origem para muitas interpretações.

### 3. HABITAR O MUNDO E DIZÊ-LO

As noções de espaço, território, mundo e habitar se fazem bastante presentes na obra de Martin Heidegger (1966, 1995) e já foram bastante discutidas pelos estudiosos do filósofo (Frank, 1986; Couturier, 1971; Seffler, 1973; Villela-Petit 1981; Biemel, 1981; Yoko, 2008; Chrétien, 2006; Haar, 1988; Wollan, 2003; Schatzki, 2007; Dulau 2009). Dentre os consensos que se tem a respeito da relação entre Heidegger com o espaço é que a relação entre o homem e ele (espaço, lugar, território, paisagem, mundo) é mediada pela linguagem – ou melhor, pelo *dizer*. Heidegger utiliza o termo discurso, ou *dizer (Rede)*<sup>[2]</sup> para identificar esse gesto de conferir compreensão e interpretação ao mundo. Heidegger emprega o termo *dizer* para distinguir a linguagem pensada onticamente (ou seja, em suas estruturas linguísticas) da linguagem pensada ontologicamente (como abertura do ser), dessa maneira se afastando da tentação de pensar a relação entre homem e espaço por um prisma metafísico. O *dizer*, assim, é a linguagem pensada ontologicamente, enquanto sentido atribuído a algo num determinado contexto de vivência.

A filosofia de Heidegger recusa veemente todo reducionismo e determinismo – o que, repetimos, não significa ignorar as relações entre lugar e gente. Para Heidegger, na verdade, as disposições fundamentais do Dasein são as de *ser para* e *no mundo*. É nesse sentido que haveria uma relação de circularidade entre homem, ser, palavra e terra – noção que ele conhece como Quadratura (*Geviert*) (Heidegger, 1958a; 1958b; 1958c; 1977).

A mediadora dessa relação seria a palavra – a linguagem, o dizer, o falar etc. (Heidegger, 1972; 2001).

O que significa o *dizer*, em Heidegger? Significa, primeiramente, uma experiência de estar no mundo, de se encontrar e se reconhecer no mundo, porque é por meio da palavra que o *Dasein* explora o enigma de estar no mundo, dizendo-o.

Durante nossa etnografia fomos convidados a participar de algumas assembleias e reuniões sobre o Protocolo de Consulta da Terra de Liberdade. Nesse processo, nos indagamos a respeito de como o *Dasein* se reverbera a partir da interação, ou seja, da comunicação – pela palavra, pelo dizer, através das falas dos atores sociais ali envolvidos.

Participamos de uma assembleia, no dia 28 de janeiro de 2023, que tinha por objetivo tratar da finalização do Protocolo de Consulta e na qual o tema central do debate foi a dificuldade, experimentada por parte dos coordenadores da Associação de Quilombolas da TL, de se fazerem ouvir, ou melhor, de se sentirem ouvidos, por parte da comunidade. Importante informar que a iniciativa do Protocolo, ainda que aceita pela totalidade das comunidades do TL, não conta com a participação comunicacional ativa de boa parte dos indivíduos pertencentes a ela. Nesse sentido, as lideranças locais buscam, constantemente, envolver uma quantidade maior de indivíduos no processo e, nessas condições ressentem-se de um déficit de participação, um déficit comunicacional.

Esse sentimento de déficit pode ser sentido a partir das provocações de Diana, uma militante da construção do Protocolo de Consulta, quando colocou, para a Assembleia, que,

quando chegar e perguntarem a alguém do Terra de Liberdade o que é o PC ele deve saber o que é, o objetivo do PC é que as vozes ecoem. Para que esse direito ganhe força. Se eu não consigo entender, é importante que alguém repita. As vezes a gente fala alguma coisa, ... e é precisa esclarecer até as pessoas entenderem aquilo que realmente queremos falar (Diana em 28 janeiro 2023).

Seu dizer atua como dispositivo, acreditamos, para que se inicie um processo de reverberação do *Dasein*, pessoal e coletivo, ou intersubjetivo, concomitantemente. Assim, Luís, outro militante desse processo, falou a respeito do encontro que tiveram em dezembro, das oficinas e rodas de conversas e consultas com a associação Cáritas, vinculada à Igreja católica e que apoia a comunidade na construção desse processo. Luís falou sobre os Protocolo de Consulta de outras comunidades quilombolas paraenses, o Abacatal e o Itacuruçá, protocolos esses que já foram realizados, aprovados e apresentados ao poder público. Luís falou sobre as transformações e metamorfoses ocorridas nesse processo a partir da conscientização daquelas comunidades a respeito de sua condição quilombola, evocando, em sua fala, a necessidade da conscientização de cada um dos que ali estavam presentes no reconhecimento de si e da comunidade.

Nesse contexto da fala de Luís, Mari pediu a palavra e buscou ratificar a necessidade da comunidade e de cada pessoa estar bem informada, dizendo que, para isso é necessário, *A gente*

*se comunicar bem, e todo mundo tem que saber o que é o processo e que isso tem que ecoar para ganhar força. O processo não tem preço, uma coisa que vai servir para nós e temos que nos deslocar. Esse processo não é diferente do processo político.* (Mari, 28 de janeiro de 2023).

Mari ainda afirmou a necessidade da repetição, do “dizer e repetir”, para fazer com que todos entendessem o que é o PC a partir da compreensão e das necessidades das próprias comunidades quilombolas que pertencem ao Terra da Liberdade.

Apesar do PC vir sendo debatido há dois anos pelas comunidades da TL, percebemos uma necessidade de envolver politicamente as pessoas que, sistematicamente, se encontravam fora do processo. Por essa razão, mesmo estando o PC pronto para ser apreciado e deliberado em uma assembleia geral do território marcada para o final do mês de março de 2023, naquela assembleia decidiu-se por “fazer um mutirão de esclarecimento” (Nair, 28 de janeiro de 2023), percorrendo as oito comunidades do território, com o objetivo de envolver pessoas que não vinham participando do processo.

Ida, pertencente à comunidade do Bonfim, nesse contexto, observou que não havia, naquele momento, representantes das comunidades do Taxizal e do Laguinho, sugerindo que realizar um “mutirão de esclarecimento”, nelas, poderia ser não apenas incongruente como também politicamente incorreto. Porém, a essas colocações, prontamente, Luís, o Presidente da Associação Quilombola da TL, informou que todas as lideranças comunitárias estavam presentes nos grupos de WhatsApp<sup>[3]</sup>, fosse daquela coordenação do Protocolo de Consultas, fosse do coletivo Grupo de Mulheres – uma organização importante da TL.

Nesse contexto, percebemos uma fala importante de Mari, do ponto de vista de suas perspectivas comunicacionais, quando sugeriu que a assembleia geral de aprovação do PC, considerando essa falta de envolvimento de algumas lideranças e indivíduos, fosse realizada na comunidade do Itapocu e não na Tomázia – onde se realizava a referida assembleia, e tida, pelo PC em elaboração, como sede do território. Mari justificou sua sugestão dizendo que “não é tirar do nada da Tomázia, é uma questão de logística, porque Itapocu agrega melhor, fica mais no centro”, além do que, continuou ela arguindo, a Tomázia possuía transporte escolar, que poderia ser mobilizado para levar “o pessoal” do Itabatinga e do Mola até Itapocu. Mari, que não reside em Itapocu, expressou, assim, uma preocupação importante, que foi apoiada por todos, relacionada à centralidade espacial para a produção da política. Na verdade, em nossa compreensão, Mari verbalizava a força necessária para a superação das metamorfoses impostas, evocando à necessidade de que os quilombolas se imponham e realizem suas próprias transformações a partir de seus próprios desejos e necessidade, mas também por meio de uma estratégia comunicacional, compreendendo comunicação, nesse contexto, como estratégia de centralidade do *locus* político. O resultado das oficinas e reuniões feitos anteriormente reverberava no Dasein projetado nas colocações que eram, ali, expostas.



Ainda se tratando do processo de reverberação do Dasein, pudemos observar, na reunião do dia 29, como essa reverberação se materializava na forma de exposição dos cartazes produzidos pelos quilombolas ao longo do processo de construção do PC.

Os cartazes acima, dentre muitos outros, foram produzidos pelos quilombolas da TL em reuniões ocorridas em dezembro de 2022 no contexto de debates sobre sua identidade. Percebemos, neles, a reverberação do que Heidegger denomina Dasein, ou preocupação com a própria existência. Efetivamente, foi com base nessa preocupação que os indivíduos envolvidos nessas atividades puderam construir o PC das CQTL.

Outra forma de *dizer* por meio da qual se reverbera o Dasein desses indivíduos é na produção de imagens, desenhos, feitos pelas crianças do lugar. Ali podemos encontrar as metamorfoses produzidas pelo imaginário infantil na configuração do espaço, e, igualmente, o imaginário a respeito das metamorfoses, como se vê na imagem seguinte:

Efetivamente, há um processo de comunicação política atravessando as gerações da TL. Não apenas. Um processo que envolve os indivíduos da TL numa situação de intranquilidade a respeito do seu estar no mundo, exigindo posturas dinâmicas, adaptáveis para os procedimentos do dizer, do debate, da ponderação, da argumentação e do envolvimento afetivo, senão mesmo da responsabilidade coletiva.

Talvez possamos falar, a respeito disso, enquanto um processo de desvelamento do ser, tal como tematizado por Heidegger: de abertura de clareiras na experiência intersubjetiva, de ser-no-mundo-com-outros... Talvez possamos encontrar, aqui, uma ideia de comunicação que Heidegger tematiza como *dizer*, uma ideia de comunicação estruturalmente associado à ação de pressentir o risco, o perigo, a ameaça do mundo, tematizada por Heidegger como o modo autêntico do Dasein, ou do existir.

De acordo com Vezin, o conceito heideggeriano de espaço deve ser pensado a partir da sua noção de “mundo”, ou melhor de ser-no-mundo (*In-der-Welt-Sein*), considerando que o Dasein necessariamente está no mundo, que se percebe como parte do mundo no qual se encontra, uma projeção que produz mundanidade, algo que pode ser compreendido como o próprio pertencimento, ou sentimento de vínculo com o mundo. Como destaca Dastur (2011), o Dasein não está presente no espaço como uma coisa: o espaço não precede o ser, ele existe em simultâneo, na mundanidade – pelo fato de que, como afirma Franck, “l’espace est dans le monde et non le monde dans l’espace” (1986, p. 41).

Com o assoreamento do rio Itapocu já não se pesca no local. Não há peixe. Pudemos verificar durante nossa entrada e saída de barcos da comunidade que o rio está tão raso que somente canoa ou rabeta podem ser utilizadas e, algumas vezes, a rabeta precisa ser remada, pois nas partes mais rasas – um trecho que leva cerca de meia hora para ser percorrido – é

impossível ligar o motor e utilizar a pequena hélice. Dependendo das marés, podemos levar até uma hora e meia de viagem, da boca do furo, no rio Tocantins, até Itapocu.

As técnicas utilizadas para a captura dos peixes, como o machuar, o pari, o paredão e o matapi – técnicas muito comuns e quotidianas há pouco mais de 10 anos, como nos conta dona Pequenina, já não são utilizadas e, atualmente, apenas a pessoas mais idosas ainda sabem fabricar esses equipamentos. “*Esses meninos aqui foram criados com peixe, a base de muito peixe*” nos dizia dona Pequenina, olhando para os netos mas referindo-se, talvez, aos filhos ou a sua própria geração, “*Agora é só frango. Já não temos mais peixe aqui*” (Dona Pequenina, 01/02/2023). Assim, a variedade de técnicas de pesca antes havida vai sendo esquecida e a falta de pescado é um fato.

Outros fatores que apareceram nas discussões do protocolo de consulta foram as preocupações com o desmatamento, em especial com as que atuavam serrarias dentro ou próximas do TQTL. Ao conversar com o senhor Bolo sobre aquecimento global e venda de carbono, observando o cuidado que as comunidades devem ter frente a essa questão ele disse-nos que “não assina nada, não queria saber de nada disso.” Eu disse que ele tinha razão, no entanto algumas ONGs e alguns países, na verdade, lutam porque sabem são as comunidades quilombolas e tradicionais que mantêm a floresta em pé. Essa troca de informação fez com que seu Bolo me olhasse com os olhos arregalados, e se desse conta de que ele fazia parte daqueles que mantinham a floresta em pé, e respondeu-nos “Ah, bom!” Como quem diz, a partir de agora vou ver isso de outra maneira.

Tão graves quanto foram as questões do desmatamento, da apropriação exógena do território, do tráfico de entorpecentes, da prostituição e da exploração sexual de menores, das agressões físicas e psicológicas dos agentes econômicos poderosos sobre os indivíduos, do lixo lançado e acumulado nos rios e da caça predatória. Essas questões foram materializadas nos cartazes produzidos nas oficinas de construção do PC, cabendo observar, no entanto, que esses temas não apareciam em nossas conversas formais ou informais com nossos interlocutores, talvez porque um gesto de silêncio se fizesse necessário, fosse pelo constrangimento dos assuntos, fosse pela falta de intimidade para falar sobre questões que implicariam em relatos, exemplos, de vivências sofridas.

No modo autêntico do Dasein – no qual há um questionamento sobre o ser e sobre o ser-no-mundo – o indivíduo é marcado pela preocupação, pela intranquilidade, de encontrar-se no mundo, diante de ameaças e metamorfoses. Nada lhe foi dito, explicado, ponderado e, eventualmente, o mundo se torna uma ameaça. A partir dessa experiência de uma preocupação, necessariamente, que o mundo, na vida quotidiana, lhe é desvelado, ou seja, que o espaço passa a fazer sentido para ele. É por meio dessa sensação de intranquilidade que ele percebe o espaço e o mundifica, confere-lhe sentido, percebe sua utilidade, funde-se a ele.

Em oposição, Heidegger fala do modo inautêntico do Dasein, por meio do qual, imergindo numa quotidianidade dispersiva do próprio ser, ele se distancia dos riscos, das ameaças, da

estranheza e adota compreensões coletivas anestésicas, de assimilação mais fácil e que, com um vocabulário não-heideggeriano, poderíamos compreender como alienantes.

No modo inautêntico do Dasein, a relação com a paisagem que envolve os indivíduos tende a ser marcada pela utilidade imediata e pela ausência de questionamentos a respeito das ameaças e das incertezas que irrompem de seu estar no mundo. Essencialmente, por uma imersão no lugar marcada pelo distanciamento em relação ao mundo, ao lugar, à paisagem, ao território.

Algo exatamente oposto àquilo que Heidegger denomina *Entfernung*, palavra de difícil tradução para o português, que geralmente é entendida como sinônimo de *Fernung*, distância, mas que, na verdade, sugere a ação de eliminar a distância sem que isso consista, necessariamente, numa aproximação, ou melhor, se pudermos dizer assim, como um des-distanciamento. O termo, introduzido nos parágrafos 23 e 24 de *Ser de Tempo* (Heidegger, 2001) foi usado, justamente, para ir além da compreensão geométrica e cartesiana que temos do mundo: nem todo eliminar das distâncias significa, necessariamente, uma aproximação: perceber e reconhecer um lugar distante de si, no tempo ou no espaço, não significa, necessariamente, aproximar-se dele, mas, simplesmente, digamos assim, desdistancializá-lo. Desdistancializar significa que o Dasein munda um dado espaço, confere a ele essa significatividade, faz uso dele. Como coloca Riquier, "*ce n'est plus la distance qui décide de la plus ou moins grande proximité, mais la préoccupation de qui en fait usage*" (2009: 52).

Nesse sentido é que a relação do Dasein com o espaço, com o lugar, não é marcada pela compreensão geométrica ou física dos entes, mas sim pela produção de uma significatividade, em Heidegger uma *Bedeutsamkeit* (não uma significação, no mesmo jogo gramatical) para aquele lugar. Não se trata de uma percepção do espaço – Heidegger rejeita o termo percepção porque ele remete à ideia cartesiana de consciência – mas de uma operação de intencionalidade.

Intencionalidade é a palavra fundamental da fenomenologia. Significa que a relação entre o indivíduo e o mundo – qualquer espaço, objeto, pessoa ou ideia – se dá, sempre, dentro de uma relação de utilidade e de contiguidade, numa operação que supera a lógica sujeito/objeto. Por exemplo, a relação entre nossos interlocutores, no TQTL e o território que lhes pertence não é uma relação entre sujeitos e um lugar-objeto, mas uma relação de complementariedade, de modo que os substantivos designativos dos elementos do lugar – (Itapocu, igarapé do fundo, casa de farinha do seu Aristides, comunidade da Tomázia, etc) – e, igualmente, os advérbios designativos desses lugares e coisas – "lá", "aqui", "acolá" – não indicam, realmente, o lugar, mas, sim, o Ser (Dastur, 2011).

#### 4. CONCLUSÃO: QUANDO A COMUNICAÇÃO MUNDA O MUNDOEM

E isso nos remete à linguagem, no sentido heideggeriano do termo. Sendo a linguagem um existenciário, ou seja, um dispositivo que serve, ao Dasein, para *mundar* o espaço, para existir, para conferir sentido e portanto, propriedade – ou “minhidade” (*Jemeinigkeit*) no vocabulário do filósofo – é por meio dela que o lugar se torna contíguo à experiência de quotidianamente estar-no-mundo, ser naquele mundo, continuar a existir. O termo *Jemeinigkeit*, que normalmente é traduzido como “eternidade”, significa, em Heidegger, “*ser-a-cada-momento-meu*”, ideia que, como observam Cabestan e Lamelo (2010), “*rompe com a concepção dita cartesiana do ego cogito*” e, portanto, com a crença na “*mesmidade e a permanência de um sendo subsistente (die Selbigkeit und Beständigkeit eines immer schon Vorhandenen)*” (Heidegger *apud* Cabestan e Lamelo, 2011, p. 1).

Mesmo que a linguagem refira o pertencer coletivo e a partilha da paisagem e da história, ela é, a cada momento, lá. É uma operação do Dasein de produção da sua autenticidade e de ruptura com o alheamento dispersivo da existência inautêntica. A linguagem é o veículo por meio do qual o mundo *mun*da e é-a-cada-momento. Ainda que o Dasein seja co-existente com o mundo e com os outros Dasein, ele não é coletivo senão num horizonte intersubjetivo, de partilha de horizontes fertilizados pela linguagem, pelo dizer, comum. E isso em oposição ao dizer em-comum estereotipado e que não se sente ameaçado pela iminência da morte, do não-ser, da metamorfose. Como diz Hebeche, “*a minhidade autêntica é contraposta à noisidade inautêntica*” (2001, p. 577). Trata-se de uma operação ontológica, possibilitada pela linguagem – ou dizer, ou fala, como sugere Castro:

Quando colocamos a questão ontologicamente – ou seja, em sua dimensão reflexiva – como propõe Heidegger, vemos que é o Ser que está na linguagem, que habita um mundo já ocupado pela linguagem. E isso se dá porque esse Ser reflexivo que somos é, na verdade, não um “indivíduo”, não um “Eu”, não um “Ego”, mas um inter-sujeito, um ser-aí, um ser-no-mundo, um ser-com-outros. Um ser intersubjetivo, em resumo (Castro, 2014: p. 86).

É nesse sentido que a linguagem se produz comunicacionalmente. Pois, como discute esse mesmo autor, Heidegger diferencia a comunicação enquanto fenômeno ôntico da comunicação enquanto fenômeno ontológico e intersubjetivo:

Onticamente, comunicação é, simplesmente, *Mitteilung*, falar com o outro. Ontologicamente, comunicação equivale ao sentido, ao sentido percebido como a experiência de se compreender alguma coisa de tal maneira. E assim, portanto, à intersubjetividade (Castro, 2014: p. 86).

Quando nos referimos à superação do simples falar-com-outro por meio da comunicação, desejamos referir, com Heidegger, a ideia de comunicação enquanto um ser-com-outros (*Mitsein*),

enunciada nos §§ 26, 58, 60 e 74 de Ser e Tempo (Heidegger, 2001), que demarcam a distinção entre caráter autêntico e caráter inautêntico do Dasein (Castro, 2014: p. 89), no qual a comunicação deixa de ser o “simples jogo” (Castro, 2014: p. 89) de interações entre consciências individuais que se colocam em diálogo para se tornar uma dinâmica intersubjetiva (Castro, 2014: p. 89), de partilha do mundo por meio da linguagem, dizer, falar.

A luta de dois anos, de muitos indivíduos do Território Quilombola Terra da Liberdade, pelo seu direito de *se dizer* é, na verdade, um conjunto de lutas comunicacionais – compreendendo comunicação como *dizer*, são lutas por reconhecimento da identidade, dos direitos, do território. São produções políticas de existência e de mundo. São manifestações temporais que, rememorando o evento fundador do represamento criminoso do rio Tocantins, atualizam muitas outras questões, problemáticas e lutas em seu nome.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Fred Lima; DE JESUS, Antonivaldo. Impactos socioambientais da construção da UHE-estreito na comunidade de Palmatuba em Babaçulândia-to. *Geoambiente On-line*, n. 7, p. 01-20 pág., 2013.
- BARROS, Kaio D. das N.; BRABO, Marcos F.; FERREIRA, Antônio C. Impactos de usinas hidrelétricas sobre os recursos pesqueiros amazônicos: os casos de Tucuruí e Belo Monte. *Gaia Scientia*, 14(4):s/r, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/51868>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- BENTES E. S., SANTANA, A. C., ALMEIDA, Oriana T., SANTANA, A. A pesca artesanal a jusante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, estado do Pará. *Novos Cadernos NAEA*, 17(2):167-187, 2014.
- BIEMEL, Walter. *Le concept de monde chez Heidegger*. Louvain/Paris: Nauwelaerts/Vrin, 1981 (1950).
- CABESTAN, Philippe; GARCIA LAMELO, Margarita M. Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Winnicott e-prints*, 5(1):1-16, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&tlng=pt). Consultado em 09/02/2023.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. Linguagem e comunicação em Heidegger. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 85-94, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014116332>. Consulta em: 09/02/2023.
- CHRÉTIEN, Jean-Luc. De l'espace au lieu dans la pensée de Heidegger. In: Maxence Caron, *Heidegger*. Paris: Cerf, 2006, p. 495-525.

CINTRA, I. H. A., JURAS, A. A., ANDRADE, J. A. C., OGAWA, M. Caracterização dos desembarques pesqueiros na área de influência da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, estado do Pará, Brasil. *Boletim Técnico-Científico do CEPNOR*, 7(1):135-152, 2007.

COUTURIER, F. *Monde et être chez Heidegger*. Montréal: Université de Montréal, 1971.

DASTUR, Françoise. *Heidegger et la pensée à venir*, Paris: J. Vrin, 2011.

DULAU, Pierre. Martin Heidegger, la parole et la terre. In: Thierry Paquot et Chris Younès, *Le territoire des philosophes*. Paris: La Découverte, 2009, p. 177-200.

FARIAS, André L. A. de; MAGNO, Thaissa. S. do C.; FREITAS, Marcus R. F. . Gestão ambiental e impactos socioambientais na Amazônia: o (des)envolvimento a partir da UHE Tucuruí, PA. *P2P E INOVAÇÃO*, 7(1): 34–55, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5507>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FEARNSIDE, Philip M. *Hidrelétricas na Amazônia: Impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras*. Manaus: INPA, 2019.

FRANCK, Didier. *Heidegger et le problème de l'espace*. Paris: Minuit, 1986.

GERARD, Jacques. *Heidegger et ses lieux*. Paris, Gallimard: La Nouvelle Nouvelle Revue Française, n° 13 (Janeiro), 1954.

HEIDEGGER, Martin. La Chose, In \_\_\_\_\_. *Essais et Conférences*, Paris: Gallimard, 1958a.

\_\_\_\_\_. Batir, Habiter, Penser. In \_\_\_\_\_. *Essais et Conférences*, Paris: Gallimard, 1958b.

\_\_\_\_\_. L'Home habite em Poete... In: \_\_\_\_\_. *Essais et Conférences*. Paris: Gallimard, 1958c.

\_\_\_\_\_. *Die Sprache*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1972.

\_\_\_\_\_. *A Origem da Obra de Arte*, Lisboa; Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_. *Être et temps*. Paris: Authentica, 1985, tradução de Emmanuel Martineau.

\_\_\_\_\_. *Être et temps*. Paris: Gallimard, 1986, tradução de François Vezin.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DULAU, Pierre. Martin Heidegger, la parole et la terre. In: Thierry Paquot (ed.), *Le territoire des philosophes*. Paris: La Découverte, 2009, p. 177-200.

HAAR, Michel. Le Chant de la terre. *Revue Philosophique de la France Et de l'Etranger* 178 (3):363-363, 1988.

HEBECHE, Luiz. Heidegger e os indícios formais. *Veritas* 46(4):571-592, 2001.

HEIDEGGER, Martin. Le chemin de campagne. In: \_\_\_\_\_. *Questions* 3. Paris: Gallimard, XXXX.

\_\_\_\_\_. Pourquoi restons-nous en province? in *Ecrits politiques*. Paris: Gallimard, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades e Estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa>. Consulta em: 07\_02\_2023.

JATOBÁ CAMELO, S. U.; CIDADE, L. C. F. Gestão do território e conflitos ambientais na represa de Tucuruí na Amazônia brasileira. *Polígonos. Revista de Geografia*, 14; pp. 53-77. 2004.

LEI FEDERAL nº 12.651, de 25 de maio de 2012. *Código Florestal*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/L12651compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/L12651compilado.htm). Acesso em 07/02/2023.

MAGALHÃES, Sônia B. A voz dos ribeirinhos expulsos. In: Sônia Barbosa Magalhães; Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte: Relatório da SBPC*. 1ed. São Paulo: SBPC, 2017, p. 25-34.

\_\_\_\_\_. *Plainte et Douleur. Une analyse socio-anthropologique du déplacement forcé provoqué par la construction de barrages*. Villeneuve d'Ascq: Atelier National de Réproduction de thèse, 2007. 278p .

\_\_\_\_\_. Tucuruí, uma análise da visão do Estado sobre o campesinato. *Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n.1, p. 25-64, 1992.

\_\_\_\_\_. Relocação de populações: a intervenção estatal numa operação fundiária específica. *Para Desenvolvimento Idesp*, Belém, v. 20/21, p. 34-36, 1986.

MERCES, Jorge A. S.; CASTRO, Fábio F.; CANETE, V. R. (a). Memória do excesso: vivência do deslocamento compulsório pela Hidrelétrica de Tucuruí. *Novos Cadernos Naea* 22(2): 225-246, 2019.

\_\_\_\_\_. Deslocamento compulsório em Tucuruí: sintoma, sofrimento e mal-estar (b). *Papers do Naea*. Vol. 2850): 132-149, 2019.

RIQUIER, Camille. Heidegger, lecteur de Bergson: la durée pure comme esquisse de la temporalité ekstatique. In: Servanne Jollivet; Claude Romano (dir.), *Heidegger en dialogue (1912-1930)*. Rencontres, affinités, confrontations, Paris: Vrin, 2009, p. 33-67.

SCHATZKI, Theodor. R. *Martin Heidegger theorist of space*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 2007.

SEFLER, George F. Heidegger's philosophy of space: *Philosophy Today*, 17(3):246-254, 1973. Disponível em: [https://www.pdcnet.org/scholarpdf/show?id=philtoday\\_1973\\_0017\\_0003\\_0246\\_0254&pdfname=philtoday\\_1973\\_0017\\_0003\\_0246\\_0254.pdf&file\\_type=pdf](https://www.pdcnet.org/scholarpdf/show?id=philtoday_1973_0017_0003_0246_0254&pdfname=philtoday_1973_0017_0003_0246_0254.pdf&file_type=pdf). Consulta em: 04/02/2023.

SOUZA, Ferdinando. *Os impactos sociais e ambientais da construção da usina hidrelétrica de Tucuruí*. Disponível em: <https://ferdinandodesouza.com/2018/04/19/os-impactos-sociais-e-ambientais-da-construcao-da-usina-hidreletrica-de-tucuru/>. Consulta: 06/02/2023.



VEZIN, François. Déloignement (verbete). In: Philippe Arjakovsky; François Fédier; Hadrien France-Lanord (dirs.), *Le Dictionnaire Martin Heidegger: Vocabulaire polyphonique de sa pensée* Paris: Cérif, 2013.

VILLELA-PETIT, M. L'Espace chez Heidegger: Quelques repères. *Les Études philosophiques*, 2(2):189-210, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20847802>. Consulta em: 04/02/2023.

YOKO Arisaka. *On Heidegger's Theory of space: A critic of Dreyfus*. *Inquiry*, 38(4): 455-467, 2008.

WOLLAN, Gjermund. Heidegger's philosophy of space and place. *Norwegian Journal of Geography*, 57(1): 31-39, 2003.

- 
- [1] A construção a UHT de Tucuruí produziu, a partir de seus conflitos sociais e ambientais e em meio a uma conjuntura internacional favorável à adoção de mudanças institucionais para a gestão ambiental, uma inflexão no marco legal ambiental brasileiro, com destaque para a inclusão de um dispositivo constitucional (Artigo 225 da Constituição de 1988); a Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938/81); a Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei 9.433/97) e o estabelecimento de procedimentos obrigatórios de avaliação de impacto ambiental (Resolução 001 do Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA, de 1986).
- [2] Considerando a pesada carga teórica conferida em língua portuguesa ao termo, preferimos, tal qual os tradutores franceses de Heidegger (Heidegger por Martineau, 1985; Heidegger por Vezin, 1986), preferimos utilizar o termo dizer, ou falar, como tradução de Rede, acreditando que, assim, estamos mais próximos do sentido empregado por Heidegger.
- [3] Importante aqui informar que essa foi a única vez que se comentou sobre trocas, de qualquer tipo, através do whasApp entre eles.